

CORES  
CORES  
CORES  
CORES  
CORES  
CORES  
CORES  
CORES

# **CORES**

ALEXANDRE SOARES

NICO MATENSE

(LEANDRO RODRIGUES GUEDES)

LETRARIA | 2016

# CORES

PROJETO EDITORIAL

Letraria

CAPA

Letraria

REVISÃO

Leandro Rodrigues Guedes

AUTOR

Leandro Rodrigues Guedes

GUEDES, Leandro Rodrigues

ISBN: 978-85-69395-08-9

Cores | GUEDES, Leandro Rodrigues | Araraquara: Letraria,  
2016.

77p. 700 x 1024 pxls.

1. Poesia. 2. Literatura.

## SUMÁRIO

<b>POESIA COMO RAZÃO PARA SE VIVER</b>	<b>06</b>
PRISCILA MELO MERENCIANO	
<b>ALEXANDRE SOARES</b>	
<b>TRABALHO</b>	
TRABALHAR EM FÁBRICA	09
HOJE	10
SONETO PARA UMA MÁQUINA	11
O COMPLEXO SISTEMA GLOBAL	12
QUEM DIGNIFICA QUEM?	13
ROBÔ	14
<b>MERCADORIAS</b>	
TEM MAIS DO QUE VALE	16
DEVERIAM PAGAR PELA MINHA EXISTÊNCIA	17
VAI-VEM	19
<b>HUMANIDADE</b>	
O SER SEMI-HUMANO	21
OS HOMENS MAUS	22
RIU	24
ENGANO	25
O CLAMOR DOS SÉCULOS	26
<b>TEMPO</b>	
TÉDIO	28
SONETO DO TEMPO	29
<b>LETRAS</b>	
PALAVRAS E MAIS PALAVRAS	31
PALAVRAS SOLTAS	32
LENDO ALBERTO CAEIRO	33
AO RUMO DO NADA	34
O QUE DEIXAR ESCRITO PARA A ETERNIDADE?	36
MEU EU-POÉTICO	38
<b>SOLIDÃO</b>	
OS IRMÃOS NA SOLIDÃO	40
O INEFÁVEL PARADOXO DE EXISTIR	42

CORES	43
BANALIDADES	44
COMPLEXO DE SENTIDO	45
DEPOIS DE TODO O CANSAÇO DE EXISTIR	46
O COISA	47
A MORTE	48

## **NICO MATENSE**

### **NATUREZA**

O BEIJA-FLOR E A BORBOLETA	50
FOLHAS	51
A MAIS BELA FLOR DO JARDIM	52
DEPOIS QUE EU VIM DE LÁ	53
POR UM DIA	54

### **FELICIDADE**

CADÊ O MEU POVO?	56
FELICIDADE	57
O BEM VIVER SE BASEIA NA NATUREZA	58
NA MINHA BAGAGEM	59

### **POEMA**

CONVERSAS DE MANHÃ DE DOMINGO	61
EXPLICAÇÃO PRECISA	62
DESEJOS	63
RELEITURA	64
A VIDA	65
O AMANHÃ	66
O COMPLEXO DE EXISTIR COMO SER NATURAL	67
POESIA	68

### **SIMPLICIDADE**

O QUE IMPORTOU NO DIA	70
ROSAS E RELVAS	71
INSTANTE	72

### **DEUS**

O PODER DA FÉ NO CELESTIAL	74
CALMO E SERENO	75
PRECE A DEUS	76

## **SOBRE O AUTOR**

## POESIA COMO RAZÃO PARA SE VIVER

A correria dos dias e a necessidade de informações rápidas e precisas, muitas vezes, fazem com que nos esqueçamos do prazer da boa leitura. Conheço leitores que compram livros e os amontoam em estantes na esperança de um dia poder saborear seu conteúdo. Lemos o que devemos ler: livros técnicos, escolares, apostilas e material de instrução prática. Deixamos para algum dia aqueles livros que nos resgatam a essência e proporcionam o prazer da leitura descompromissada com o dever fazer.

O presente livro é uma dessas preciosidades, é daqueles livros que devem ser saboreados sem pressa, em um lugar especial e, ainda, que deve ser deixado na estante ou mesa de cabeceira para que, após um dia cheio, possa ser aberto despreocupadamente em uma de suas páginas e absorvido em doses homeopáticas.

Nem só de pão vive o homem, mas também da palavra, já dizia o livro Santo, a Bíblia. As palavras dessa obra são palavras poéticas que possuem a faculdade de alimentar a alma. Palavras escolhidas cuidadosamente para compor versos de significados profundos e ao mesmo tempo simples. Diz-se da poesia que não se pode terminar de lê-la sem se sair tocado ou modificado por ela. É o que te acontecerá ao entrar em contato com esses versos, sairás mais leve, mais contemplativo e mais próximo de tua essência.

A obra apresentada é uma coletânea de poesias divididas entre dois pseudônimos: Alexandre Soares e Nico Matense. Interessante perceber como se complementam e como a visão de mundo desses personagens se enquadra na visão de mundo de muitos de nós.

Alexandre é um homem da cidade, um trabalhador. Realiza um trabalho árduo, que acaba por consumir seu tempo. Encontra-se revoltado com a forma com que o mundo tem tratado as pessoas, transformando-as quase em máquinas. Chega a perguntar “Será mesmo que o trabalho dignifica o homem? Ou será que é o homem quem dignifica o trabalho?”. O poeta apresenta em sua obra a dualidade entre o dever (dever trabalhar, dever ser produtivo) e o querer (querer sonhar, querer o amor, a paz).

O homem, para o poeta, é por vezes uma mera massa de manobra a serviço da indústria, devendo ser produtivo, perdendo sua essência para a tecnologia, sendo manipulado, pelas notícias lançadas pelos jornais, a aceitar as “bestialidades do dia”. Há um poema de Alexandre Soares, “Cores”, no qual o poeta sai um pouco do tom melancólico e encontra-se com a natureza, “a paz branca do ser humano”. Por meio de metáforas, o poeta vem

mostrar a vitalidade da natureza que nos chama para o cumprimento de nosso destino determinado nesta terra.

Já Nico Matense é mais filosófico, a natureza é sua fonte de inspiração. Por meio da observação do ciclo da vida, o poeta nos traz sua reflexão sobre a transitoriedade da existência e a necessidade de busca da felicidade, que para ele encontra-se na conjunção com as coisas simples. Observa-se a personificação dos elementos da natureza como animais, insetos e plantas. O poeta encontra-se em uma busca pela essência que, para ele, existe na simplicidade do observar de uma tarde, na vida do sertão: “Oh... felicidade!

Há muito que descobri que existes e que moras longes. Mora longe, lá no sertão.”

Há certa melancolia na poesia de Nico, um saudosismo dos tempos de infância, da pescaria, da vida junto à natureza. O fazer poético é também tema de reflexão na poesia de Nico; para o poeta a poesia possui vida: “as letras dançam e falam entre si”. A poesia é aquela que por meio dos seus versos “nos toca a alma e o coração”.

Outro aspecto interessante na obra de Nico é a religiosidade. Para o poeta, a fé é a esperança do mundo e a natureza, obra de Deus.

Convido o leitor a se deliciar nas páginas seguintes, a ir ao encontro de sua essência, a descobrir-se nos versos de Alexandre e Nico, a revoltar-se com o que o mundo e sua velocidade têm nos feito e, a seguir, descobrir a felicidade no contemplar de uma tarde, em uma casinha no sertão.

Priscila Melo Merenciano

# TRABALHO

Alexandre Soares



## TRABALHAR EM FÁBRICA

Acordar. Levantar-se. Vestir-se. Escovar.  
Apressar-se. Aprontar-se. Talvez lanchar.  
Tomar. Escovar. Partir. Chegar. Começar.  
Trabalhar. Trabalhar. Trabalhar. Irar-se.  
Trabalhar. Trabalhar. Trabalhar. Uhhh...  
Almoçar. Partir. Chegar. Esquentar comida.  
Comer. Correr para comer. Escovar.  
Apressar. Correr. Chegar. Começar de novo.  
Trabalhar. Trabalhar. Trabalhar. Irar-se.  
Trabalhar. Trabalhar. Trabalhar. Trabalhar. Uhhh...  
Ir-se. Embora. Deu a hora. Descansar; Não...  
Trabalhar. Lavar. Passar. Varrer. Cozinhar.  
Tomar banho. Assistir. Deitar-se. Dormir.  
Talvez sonhar. Acordar. Levantar-se. Vestir-se...

## HOJE

Hoje estou sendo produtivo  
Deve ser porque me dopei com remédio para dor de cabeça  
E esse me fez relaxar para a escrita  
Para o pensamento, para a minha filosofia que nada diz  
Que apenas questiona sem dar razão, sem solução  
Mas que seja assim, pelo menos estou fazendo algo  
Com o mínimo de tempo que tenho todo dia.

## SONETO PARA UMA MÁQUINA

A máquina foi vrrrruuuummm...

A máquina veio vvvrrrrmmmmm...

Vai e vem no vrrruumm de velocidade

A máquina se liga faz trrrrrrrrrrrrrrrrrrr...

A máquina que se guia faz rrrraaaammmm...

O máximo que a leva a faz ser grande faz

Mas o mínimo que sofre lhe faz ser macromicróbio

De manhã a manhã o barulho é sempre igual

De semana a semana o dever é o mesmo

De mês em mês o trabalho lhe esconde do mundo

O pior é que a máquina é guia a cada segundo

O pior é que a máquina leva prá onde ela quer

O pior é que a máquina que vive sou eu.

## *O COMPLEXO SISTEMA GLOBAL*

Máquinas e peças englobam o caótico planeta  
Cercas, arames, divisas e linhas definem países  
Leis, regras, estatutos e ordens proliferam nos estados  
Administrações, planos e encargos regulam cidades  
Compromissos, deveres e obrigações encaminham os homens

De máquinas e peças o planeta se agiganta  
De cercas, arames e divisas os países se alinham  
De regras e ordens os estados se multiplicam  
De encargos administrativos as cidades se erguem  
De medo e temor os homens vão vivendo

## QUEM DIGNIFICA QUEM?

“Será mesmo que o trabalho dignifica o homem?  
Ou será que é o homem quem dignifica o trabalho?”

O homem vai, mas o trabalho fica não o contrário  
E o trabalho se multiplica a cada milésimo do dia  
Enquanto os homens morrem de sede e de fome

Que pergunta complexa e difícil de responder  
Mas calcule comigo o seguinte, meu caro leitor  
O homem resgata o trabalho e o deixa para os outros  
Enquanto o trabalho mantém o homem e segue seu rumo  
Dignificando o tempo com mais obrigações para o homem  
Que cansado de não ter tempo por causa de trabalhar  
Vai em busca de descanso eterno para não mais trabalhar

Então, eis que digo e repito a interrogação

Afinal de contas, quem dignifica quem?

Assinale o que considere relevante.

# ROBÔ

Eu vi

Vi hoje cedo um robô ambulante  
O mesmo andava cabisbaixo pela rua

Dedilhando um celular

Os dedos estavam frenéticos

A cabeçada cheia de paradoxos

Invés de estar no mundo

Estava reproduzindo-se como máquina

Pois não via nada a sua volta

O robô seguia em frente e eu o olhava

Apressado, não observava nada a sua volta

Só seguia, só se via, eu-robô

Pobre robô, como lamento por ti

Robô, o futuro do mundo

Mas que sucesso obterás?

Que caminho seguirás?

Se o robô era ser humano

Robô humano?

# MERCADORIAS

Alexandre Soares

## *TEM MAIS DO QUE VALE*

Tem livro, caderno, borracha, caneta, lápis

Tem bicicleta, bola, gato, rede, celular, tênis

Tem short, camisa, camiseta, calça, guarda-chuva, geladeira

Tem boné, sofá, vinho, tapete, mesa, cadeira

Tem guarda-roupa, estante, grill, microondas, fogão

Tem garrafa, faca, garfo, colher, prato, cartão

Tem mangueira, caixa, lâmpada, bolsa, máquina de lavar

Tem toalha, panela, copo, TV, chinelo, ferro de passar

Tem sandália, rádio, vassoura, liquidificador

Tem sacola, forro de cama, xícara, pente regrador

Tem coberta, impressora, perfume, computador, naturalidade

Tem violão, cama, travesseiro, sono, mas não tem felicidade.



## DEVERIAM PAGAR PELA MINHA EXISTÊNCIA

Deveriam pagar pela minha existência porque quando nasci mamãe passou horror em  
um leito de hospital

Espera de um médico que pudesse lhe rasgar o ventre para arrancar-lhe mais um  
pagador de impostos

Deveriam pagar pela minha existência quando ainda menino eu pelejava aos trancos e  
barrancos para escapar a morte

Que rondava o meu ser em nome de chiato, bronquite, inflamáveis em meu inepto  
existir

Deveriam pagar pela minha existência, pois através do suor ofegante do meu velho pai

Que trabalhava de sol a sol para a minha fome saciar e sempre ao meu lado ele vinha  
ficar

Deveriam pagar pela minha existência por eu não me tornar um desertor ainda na  
infância

E continuar trilhando caminhos de sonhos e desenganos em busca vã de um pouco de  
esperança

Deveriam pagar pela minha existência por eu insistir em procurar educação e mais  
conhecimento

Quando ainda lutamos contra a ditadura do ensino que nos ilude com notas  
quantitativas

Deveriam pagar pela minha existência pelo ar impuro que sou obrigado a respirar

Todo dia quando saio de casa para o trabalho árduo de cada dia enfrentar

Deveriam ter vergonha da minha existência como ser que ganha um mísero salário  
mínimo

Mas que sustenta bocas engravatadas com doces vinhos e licores importados

Deveriam sentir vergonha de minha existência por eu ser um soldado de bem ajudando  
a todos

Que são vítimas a todo segundo de guerras e flagelos em meio a tanta beleza e  
encantos

E eu mesmo deveria ter vergonha de mim, pois sou fraco nas manifestações nacionais  
Sou levado pelos outros como desertor e o que me sobra é apenas o lixo dos resquícios  
de humanidade

Mas... eu tenho fé, porque vendo cada dia novas crianças nascendo com alegria nos  
olhos

Vejo a esperança de que amanhã quem sabe o meu torrão de anil será mais justo  
Será educador, será de fato nação de homens e mulheres virtuosos e iguais entre si por  
séculos e séculos.

## *VAI-VEM*

Vai carro, vem carro, vai moto, vem moto

Vai gente, vem gente...

Vem carro, vai carro, vem moto, vai moto

Vem gente, vai gente...

V...

# HUMANIDADE

Alexandre Soares

## *O SER SEMI-HUMANO*

Por que será que vejo muitos como hipócritas?  
O que será que os fazem tão estrelas do mundo  
Mas sendo apenas vermes de suas existências  
Porque se corrompem com falsos sorrisos  
Quando ao certo são máquinas mortíferas de mentiras  
Porque se prestam a estarem entre “amigos”  
Se na verdade não são companheiros de ninguém  
O que são afinal? Indago eu ao universo  
Mas o universo não sabe, nem Nietzsche saberia  
Porque se soubessem ambos se enforcariam  
No cume da existência fúnebre do caos mundial  
Para não verem a desgraça que são os seres semi-humanos.

## OS HOMENS MAUS

Por que já não mais entendo o nosso universo?  
Os homens de “branco” corroem a existência até os dias de hoje  
Os animais, as plantas, as águas, tudo, tudo mesmo  
Os monstros dos mares evoluíram pelo mundo afora  
Os piratas de histórias fantásticas estão andando por aí  
E estão no poder, vigiando, dominando e domando  
Por que o homem “branco” foi e é tão cruel?  
Por que, se essa cor é tão linda e tão simbólica  
O que será que existe na mente desses homens maus  
Que não é o mesmo que havia na mente do Cristo  
O que será que aconteceu para serem tão sanguinolentos  
Qual foi o século inicial de toda essa ganância?  
Qual foi o ano precisamente que os brancos começaram a se odiarem  
E qual foi o dia em que começaram a odiar a todos?  
Qual foi o motivo primeiro de tanto caos e ódio  
De tanta raiva e ganância pelo “ouro” do outro  
Sendo que também possuíam o seu próprio ouro  
Qual terá sido o dia em que foram à guerra pelo nada  
Guerras e mais guerras somente por sangue e status  
Como se justificarem com símbolos, gestos e planos  
Sendo que jamais pensaram nos outros, nem em si mesmos  
Por que meu Deus que esses povos são tão fúteis

Defloradores de sonhos e vidas em prol apenas de riqueza?

O que será que existe em suas mentes tão vagas

Que lhes fazem ser satânicos e irreputáveis

Por que será que são cavernas humanas e tão escuras

Se são “brancos de pele lisa e olhos claros e azuis?”

Que homens são esses que se cobriram de luto eterno

Apenas para enriquecer seus bolsos com frutos de pecado

Porque evoluíram tanto em suas tecnologias obscenas

Mas cada vez mais são impuros, mentirosos, galantes

O que fazer com esses hipócritas... qual a solução?

Somente Deus pode dizer ao fim do Apocalipse

Que ele realmente diga e possa agir porque estamos no fim

Estamos cansados de tanto sermos explorados

Por eles, os homens brancos que evoluíram cada vez mais para o mal

Pois a árvore genealógica da vida está sempre em progresso

E eis que ainda existem para o sofrer quase eterno do universo

Mas que se consumem no fim, fim proposto por Deus, Deus.





## ENGANO

Estão me chamando de louco  
Suas respostas são tão sábias  
Flértidas em singelas verdades  
Cheias de mal-dizeres e escárnios  
Doces palavras ao soar dos sinos  
Estão... estão sempre a dizer  
Que sou louco, louco desvairado

Só que não sabem o que sinto  
Não pegam o meu coração na mão  
Como eu às vezes o pego  
E ele me diz baixinho  
- Tu podes, tu podes.  
Mais do que eles tu podes.

E eu fico sem saber a quem  
Estou enganando  
A eles ou ao meu coração.

## *O CLAMOR DOS SÉCULOS*

Coloquei-me a pensar no mundo neste instante  
Lamento os rabiscos que fiz, mas sei que preciso  
Neste momento, um ressonar de choro de criança  
Pobre e nua neste frio que faz me deixa sem sono  
Há mães em desespero que também me tocam o coração  
Porque sem lar e quase sem vida  
Suas dores são mais geladas que este frio que sinto agora  
Como será que seria se não fosse se não tivesse sido  
Aquele filho lá sem mãe chorando na noite  
Aquele mãe sem paz, sem ser, chorando no mundo  
Poderiam estar juntos como dois humanos se abraçando  
Porém, a guerra de vingança e ódio por falta de amor  
Separa os dois, desampara a vida, divide o continente  
Decaem as lágrimas que ficam no lugar dos sorrisos  
Enfastia as almas a sofrerem semelhantes dores  
De Cristo e Maria na hora extrema, na hora da morte  
Mas aqui a morte é em vida, e o castigo também  
Apenas porque segundo os críticos estadistas  
Somos de raça humana e não de seres humanos  
Basta! Estou farto é de semi-homens  
Quero ver gente, quero ter gente, quero o amor, paz, paz  
Será que peço demais, Deus?

# TEMPO

Alexandre Soares

## TÉDIO

Ah... eis um ser em estado melancólico  
Nesse instante em que quase todos estão a envaidecer-se  
De glórias e triunfos do belo dia findado  
Eu e minha existência unânime e secular  
Aparento-me apertado, com o peito soprando  
A mencionar dizeres contra os egos do mundo  
Mas... mas nada e ninguém vê o meu caos  
O meu mundo escuro, abafado, pálido, cru  
E agora? O agora, o medo, o vazio, o sono, o tédio, o tédio.

## SONETO DO TEMPO

O tempo apagou os séculos, os anos, os meses, os dias  
Apagou as horas e os minutos da eternidade  
A Madrugada, a aurora, o dia, a tarde, o entardecer  
Findou os segundos, as manhãs, a força e a fortaleza

O tempo secou a roseira, o lírio, a flor de romã  
Caiu a flor de maracujá, barrou a de manjeriço  
Não deixou que ninguém visse a paz no mundo  
Mas deixou cego, olhos dos que viram a guerra

O tempo culminou os destinos, enfraqueceu os amores  
Destruiu paixões, abalou sentimentos, dizimou almas  
Sombreou ilusões, no intuito de obter a digna razão

Propínquo, o tempo mesmo chora lágrimas e pesares  
Chegou-se ao fim, fim de uma era de sols e de sóis  
De máquinas e homens, desamor e tecno-ilogia.

# LETRAS

Alexandre Soares

## *PALAVRAS E MAIS PALAVRAS*

Veio na mente a cor amarela, preta e branca

O que será que não posso ver mais?

Se fecho os olhos a mente dispara

Se os abro o que é a realidade nua?

Na mente divagações me precipitam a um penhasco

Estou só em mim, não sei como parar isto

Todos estão dormindo e um vento gélido invade meus pelos

Quem poderá a mim me socorrer se não palavras

Elas sim, pois as transcrevo para me libertar de mim mesmo

Nesta noite quase calma, de silêncio e tenaz assovio do nada.

## *PALAVRAS SOLTAS*

Tenho em minha mente palavras soltas, ao revés

Junto lama com cais, barco com rato

Dinheiro com cama, gato com casa, sei lá...

Divago meu eu em consoantes arranjos levianos

Mas o que vem à mente preciso transferir ao papel

Pois aqui e agora receio mesmo o que posso fazer

E se pensar faz-nos seres mais medíocres do que somos

Como resgatar o depois se o agora já se perde

Por ondas de cais retumbantes que soam ao luar

Onde barcos invadidos de ratos encalham na lama

E camas cobertas de dinheiro são menos

Menos importantes que um gato em casa a dormir.





## *AO RUMO DO NADA*

Os barulhos do mundo me calam  
Porque são tantos e o que eu gritar  
Ninguém vai conseguir me ouvir, pois  
Pois os fones de ouvido taparam os cérebros  
Que já vazios de massa cefálica e de conteúdos  
Parecem derreter-se do sol abrasador dos dias

Os jornais lançam notícias às cegas  
As pessoas os leem por não saberem opinar  
Então aceitam a primeira bestialidade do dia  
Como um refúgio de seu ego vazio interior  
Preenchido por lacunas com imagens e palavras  
De verdades inexatas feitas para submissão de dados

O trabalho prolifera o egoísmo intrínseco  
Baseado em troca de tempo por míseras cédulas  
Com rostos de homens que nunca conhecemos  
Cortados pela cabeça, assim como a nossa será  
Diante do uso excessivo de nosso pouco tempo  
Em busca de algo que nunca se sabe o que é

E eis que seguimos, seguimos ao rumo do nada  
Pois lá na frente só existe desordem, superego e caos  
Seguimos a estrada do nunca baseada em mentiras  
Tal e qual zumbis que desconhecem a proeminência da vida  
Pois no zumbinismo da existência que se vive reina o enfático  
E barulho, jornal e trabalho deterioram os semi-humanos que somos.

## *O QUE DEIXAR ESCRITO PARA A ETERNIDADE?*

O que deixar por escrito para a eternidade? Não sei.  
Deixarei talvez para os que ainda vierem depois de minha existência,  
Que não tive em quê ou quem acreditar neste mundo  
Que não houve filosofia exata para guiar meus passos  
Que a única evasiva foi o alheamento integral.  
Gostaria sim de me esquecer de tudo o que sou e me tornei  
Esquecer-me completamente de mim e deste estranho universo  
Regido por príncipes e leis desumanas  
Visto que as verdadeiras confissões só podem ser escritas com lágrimas  
Como já afirmara o mestre Cioran  
Mas o meu pranto de dor gelou o paradoxo global  
Assim como o meu fogo interior abrasou-o totalmente  
Não precisei de apoio, não precisei de encorajamento e nem de piedade  
Pois, embora eu tenha sido um ser decadente e sozinho  
Sempre me senti ávido, disposto e com intenção de lutar  
Mas o meu cansaço foi maior que a vontade de agir  
Fui de fato um dos únicos homens a viverem sem expectativas de futuro  
E isso era o cúmulo da valentia para alguns fracos  
Mas para mim apenas o resultado de um fracassado  
Que fazia versos inúteis para vermes poderem ler  
Para não ser mais nada, nada  
Para escapar do espírito e da consciência

Eu também tive esperança e vontade  
A esperança do esquecimento absoluto  
A vontade de ser diferente do que fui.  
Mas não quero saber de nada mais  
Nem mesmo saber de que nada sei do mundo que vi  
Para que me fazer de inteligente se nada fiz pelo planeta?  
Para que tanta consciência da morte e do fim?  
Já não basta de tanta filosofia e tanto sofrimento!  
Ser nulo no mundo nos deixa muito sós perante os homens  
E fui nulo a toda ideia que me guiasse ao que eu não aceitava  
Fracassando para o bem de todos a minha volta  
Enfim, ressalvo que foi o que fiz por mim mesmo no jogo da vida  
Resumo minha existência em três únicas palavras:  
Não fui nada.

## MEU EU-POÉTICO

O meu eu me chamou, me balançou  
Me jogou na cara que eu precisava sair de mim  
Eu saí, e não gostei do que vi  
Observei que sou mentiroso quando finjo dizer a verdade  
Sou banal quando escrevo e o pior  
Às vezes não acredito em minhas próprias palavras  
Quando vi o revés de mim mesmo  
Eu chorei

O meu corpo pedia que eu voltasse  
Mas envergonhado eu fugi  
E agora escrevo essas linhas tortas  
Escondido de mim embaixo de um pau seco  
Enquanto meu corpo caminha robótico por aí.

# SOLIPÃO

Alexandre Soares

## OS IRMÃOS NA SOLIDÃO

E eis que mais uma vez estou só, somente  
Em um mundo com bilhões de pessoas, estou só  
Em um país repleto de árvores e flores  
De objetos e máquinas estou cada vez mais só

Essa solidão que sinto não chega a me apavorar  
Mas ela é cruel com seu som sonante de solidão assobiada

E sou só, e vivo só, do meu lado escuro interior  
Que repousa em desejos cansados de gritos uivantes  
No entanto, como são íntimos ninguém os ouve  
Ninguém os escuta  
Até mesmo porque se os escutassem  
O que fariam por mim os meus irmãos?

Ah... quase nada... ou nada, simplesmente nada

Já não sei por onde andar, o que fazer irmãos?  
Já não encontro pessoas que me digam bom dia  
Que olhando em olhos estranhos me falem “Bom dia”  
Mas não devo negar também eu já não falo mais a estranhos



O que mais encontro são seres fantasmagóricos  
Apressados, estressados, raivosos como cães assassinos  
Na correria para o trabalho, para a velocidade da vida  
Que acredito que assim como eu estão sós  
Por mais que estejam rodeados de amigos e vizinhos  
Lá no fundo, eles estão em total solidão  
Até mesmo porque seus sorrisos já não são expostos com brilho  
Mas sim receosos de mostrar os dentes  
Fingindo a cada dia que são vitoriosos, bons  
Mas o patético sistema global os fez sombrios e viris  
E sendo sós como eu sou, nada significam uns para os outros  
E eis o mundo dos fracos, dos vencidos pelo sistema  
Dos analfabetos de sede e justiça  
No entanto filósofos do engano, do descaso  
São sábios!? São apenas medíocres  
A fim de serem homens humanos  
Mas no fim são apenas tolos, covardes  
E desses eu lidero a infinita fila.

## *O INEFÁVEL PARADOXO DE EXISTIR*

Neste silêncio que vivencio consigo escrever alguns rabiscos  
São muito poucos eu sei, no entanto, são suficientes para ver o meu eu  
Ao rever as entrelinhas que escrevo percebo minha fragilidade  
Pois é nelas que vejo o íntimo que vive em mim e quer sair  
Mas pelos interfúgios do destino preservam-se em minha mente  
Essa busca de gritar de gritar ao mundo o quão caótico é ser humano  
Essa busca inefável de encontrar um ser em Paz em meio à guerra  
E se o encontrar o que lhe pedir como instrução de vida  
Acredito que quase nada, pois seremos dois nada a se comunicarem  
Visto que o cadafalso do universo já foi usado em nossas cabeças  
E pensamos apenas por dedução de significados  
E a verdade da vida é muito ambígua  
E não ser nada está destinado  
A todos os seres semi-humanos do universo.

## CORES

Quando a saudade roxa aperta o peito corro pro mato  
Lá me encontro com a paz branca do ser humano  
Vivencio o verde da esperança que há em cada um de nós  
No aperto vermelho do mundo cruel a nossa volta  
E de virtude laranja o meu sol interior toma brilho  
Pois o amarelo do crepúsculo já arde em meu cérebro  
E o escuro do entardecer vem se aproximando  
Quando fecho os olhos de tédio minha vista fica azul  
E o marrom da terra me chama, me espera, me busca  
Para o fim determinado para cada ser humano da terra.

## BANALIDADES

Estou cheio de amizades banais  
De amigos com sorrisos amarelos quando estou perto  
Mas inimigos vorazes quando estou longe e falam de mim  
Estou muito cansado dos deuses do mundo  
Dos falsos cristãos e dos monarquistas que beiram o poder  
Pisando nos fracos sem compaixão nem tampouco piedade  
Mas também estou farto de pessoas fracas que se entregam à dor  
Que coitadistas como são, tornam-se incapazes a cada pancada  
E veem nos superiores os exemplos claros de responsáveis  
E não olham para si mesmos como promissoras, como vencedoras  
Estou cansado do mesmo jantar todo dia, da mesma hora de dormir  
Da mesma cama sem graça que deito e viro pro lado para sonhar ilusões  
Coisas que eu nunca farei mesmo se eu quebrar o complexo de Édipo que vive em mim  
Estou cansado... estou enfadado...  
Mas ninguém, ninguém, sabe da minha dor, sabe do meu penar  
E se soubessem, bom, não fariam nada, como sempre  
Estou cheio de gente que não faz nada, que não é nada, nada.

## COMPLEXO DE SENTIDO

Basta, agora basta

Estou doente com o peito inchado de dor

O dia deu em chuvoso e eu...

Mais uma vez não consigo estar em paz

Saio ao sol após a chuva

Sol de duas horas da tarde, quente e irreverente

Dá até a sombra ao chão, essa sombra negra e feia de mim mesmo

Cuidado Soares

Eu desconfio de minha sombra ela me renega

Me faz fino, mais grosso, me faz sermos dois andantes sem rumo

Entediados, sufocados e calados frente às outras sombras que passam

Basta, eu disse e repito

Vou sentar-me ao sol, mas irei amanhã

Hoje não consigo fazer mais nada

Estou com dor de cabeça.

## *DEPOIS DE TODO O CANSAÇO DE EXISTIR*

Reagir, eis que tento, mas o meu cansaço é maior

Amar, já não posso, estou sem coração

No peito, um pedaço de ferro substitui as veias

No cérebro, cores fantasmagóricas deixam nebulosas

As memórias que guardei de minha infância já esquecida

Não posso mais, me olhar frente a frente e sorrir falso

O meu rosto já não me conhece e sente estranho com um toque de dedos

Nos meus olhos só existem ironias e cansaços

De tudo o que vi, de toda a palha grossa a se queimar ao meio dia

Enfumaçando a cidade, o país, o globo, levando a seiva da vida

Querer mudar? Já é tarde, só existe correria por aí

Desavença, ódio e ranger de dentes amarelos

Quanto mais estou ao sol, mais frio faz dentro de mim

Estou tremendo...tremendo e nada e ninguém me vê

Aqui em silêncio e sozinho a olhar o além.

## *O COISA*

Querem me ver, apenas olhem no fundo de meus olhos  
Querem me conhecer, olhem no meu rosto, ele diz o que sou  
Se buscam compreender meus passos, vejam por onde caminho  
Mas se querem um cérebro que fale a verdade  
Procurem outro, de minhas ideias tudo o que sai não vale nada  
Tudo o que produzo, são apenas coisas  
E coisas não significam  
Ações é que fazem valer a vida  
E estou estacionado  
Já não falo, já não ando, não produzo  
E se faço algo, não tem valor  
Na verdade virei coisa, coisa-andante.  
Ou apenas o coisa.





# NATUREZA

Nico Matense

## *O BEIJA-FLOR E A BORBOLETA*

Vi hoje uma pequena borboleta passeando sobre as folhas

Ela estava tão singela pairando por sobre flores

Que nem sequer percebeu que eu a admirava

Mas é claro que tal admiração não a comovia

Pois o que ela estava fazendo era muito mais importante

Do meu lado eu a observava em todos os seus voos

Por sobre as folhas e flores, por sob as folhas e flores

Quase que pairando no ar tal qual um beija-flor que também surgia

Magníficos, ambos o beija-flor e a borboleta estavam tranquilos

Calmos, serenos, pois o tempo para eles estava parado

Enquanto beijavam as flores daquele jardim que eu olhava

Admirado, cansado e ensolarado pelo meu tempo difícil

Por que não sou como eles, por que não sou beija-flor?

Por quais motivos não nasci borboleta, por quê?

Se existe explicação, me digam beija-flor e borboleta

Qual a razão de vocês serem tão felizes com muito pouco

Ou será que sou eu que tenho de tudo e não sei dar valor?

Para as coisas simples, singelas e dóceis da vida

Essas coisas simples, como um voo de um beija-flor

e de uma borboleta.

## FOLHAS

Para um observador da natureza lhe basta uma folha  
Porque nessa única folha está tudo, toda uma história  
Foi uma semente que virou plantinha, que por fim cresceu  
E eis uma árvore, que deu folhas, muitas folhas  
Que deu uma infinita quantidade de frutos ao longo do tempo  
E de maneira similar a vivência humana  
Que traz a morte como fim existencial terrestre  
As folhas caíram esverdeadas meio amareladas  
E murchas, secas, já no fim de suas vidas  
Deixam mais fértil o solo da floresta do mundo  
E então eis que chega o observador, que vendo uma folha  
Traduz com precisão exata toda a sua existência  
Os seus tempos de joviais, assoprando aos ventos  
Cobrindo a terra mansa com sua sombra fresca e calma  
Dando pousada para pássaros, animais e insetos  
Em sua alegria primaveril, de exuberância e vitalidade  
E o observador de repente sente um aperto em seu coração  
Lamenta o tempo perdido apenas com o ineficaz  
E ao ouvir no topo de uma árvore um pássaro cantando  
A vida rejuvenesce, o tempo retorna firme e forte  
Tudo apenas por uma folha de árvore caída no chão.

## *A MAIS BELA FLOR DO JARDIM*

Dia desses surgira em meu jardim  
Uma esplêndida, radiante e sublime flor  
Lírio, lírio vermelho de pétalas bem abertas  
Vermelho sangue, fortalecido por um discreto amarelo  
Se erguia ao encontro silencioso do vento  
Que soprando-a, lhe dava o seu brilho campestre  
Flor magnífica aos raios encriptados do sol  
Que por instantes existira e se acabara nas cinzas do tempo.

## DEPOIS QUE EU VIM DE LÁ

Depois que eu vim de lá, nessas vindas para cá senti o que é a tal saudade  
Comecei a desvendar, o que é se alebrar auroras de uma certa verdade  
Lembrando a garoinha, fria, fininha, que me acordava e chamava a levantar  
O sabiá mais tarde na laranjeira, a mãe abandonando a peneira, soprando café para  
torrar  
O cheiro de flor lá do cafezal, ainda tinha o arrozal, a natureza de todo o nosso sertão  
Ainda hoje eu bem me lembro, de janeiro a dezembro, bate em mim recordação  
Quando ainda menino, gentileza, humildade e destino, saudavam a minha mocidade  
Tempinho de criança, paz, saúde e esperança, temas de tantas realidades  
Com o sol já raiando, eu às vezes saia cantando, por um estreito carreador  
Meu pai ali do lado, "meu herói, meu amado", prá roça a ouvir a fogo apagou  
Os passarinhos, ah... invernados nos ninhos, se passaram com o tempo  
Agora entre barrancos, às vezes aos trancos vou perdendo esses momentos  
Mansos regatos lá da serra, cheiro de mato e de terra que um dia alegrou meu viver  
Paisagens, céu de meu rincão, estás sempre em meu coração, para sempre até eu morrer.

## *POR UM DIA*

A chuva fecundou a terra hoje de manhã cedinho  
Quando acordei senti o cheiro de terra molhada  
Ao sair de minha casa resvanei-me no orvalho fino  
Por sobre uma folha em minha roseira  
Meu pé de lírio desabrochou pétalas vermelhas  
E um pequeno cuitelinho veio tirar o doce da manhã  
E levá-lo para o mundo por necessidade de mel  
Adocicado e suave como o canto de um sabiá-laranjeira  
Que ainda ontem pedia chuva “tem dó senhor, tem dó”  
E de madrugada ela veio boa e meiga  
Que fez com que minhas mãos calejadas  
Sentissem até vontade de ser poeta por um dia.

# FELICIDADE

Nico Matense

## CADÊ O MEU POVO?

Era na beira do rio, no alto da serra, na chapada  
Casinhas muito pequenas, mas muito bem assiadas  
De varas de taquara e barro batido  
Cadê essa gente meu DEUS, esse povo tão sofrido  
De sonhos, esperanças e ilusões perdidas  
De encontros, vindas despedidas e idas  
Com roupa gordurosa de capim-melão  
Povo hospitaleiro, guerreiro de bom coração  
Que tinham no fundo de suas casas  
Bananeira, goiabeira, mangueira, águas rasas  
Um pé de Vara-Canoa, Mulatinho, Canafista, Gameleira  
Carne-de-Vaca, Mutamba, Piolho de galinha, Arueira Verdadeira  
Cadê aquele povo do simples arroz com feijão e farinha  
Fumando um cigarrinho de palha quando chegava a tardinha  
Será que esse povo foi dormir cedo demais  
Que até o galo que cantava não canta mais.  
Meu povo, vamo levantá, vamo prá luta  
O sertão não pode parar o mundo tem que ceia  
Vamo meu povo, o progresso num é só da cidade  
Ele veve como o cêis da roça, da paz, da liberdade  
Ainda clamo aos vossos olhos e ouvidos  
Voltem, voltem ao lar, voltem à casa, voltem meus amigos.



## *FELICIDADE*

O que existe na vida campesina que é tão bom?  
Serão os pássaros? As águas? A casinha de barro?

Não sei, mas sei que ali a felicidade existe  
Na vida simples e singela do campo, ela vive  
Plena no canto dos pássaros  
Singela nas águas que correm do ribeirão  
Simples na casa de pau-a-pique  
Feita somente para o descanso

Oh... felicidade!  
Há muito descobri que existes  
E que moras longe  
Muito longe, lá no sertão  
Somente isso que me desanima no mundo  
Porque moras longe e vagando ao léu  
Não consigo lhe encontrar

Espera só felicidade  
Ainda hei de estar contigo  
Embaixo de uma casinha de barro  
Ao som de pássaros e águas do ribeirão  
Oh meu Deus, dai-me essa paz  
Dai-me a paz de estar no sertão  
Nem que seja uma última coisa  
Que eu vivencie em minha vida.



## NA MINHA BAGAGEM

Trago na minha bagagem pouca coisa  
Mas do pouco que trago tudo tem serventia  
Consigo trazer quatro pés de manga, um de mamão  
Três pés de amora e apenas um de limão  
Alguns pezinhos de chá ou infusão para os críticos  
Um pé de Angico, um de Vara-Canoa e uns pés de bananeiras  
No mais não posso trazer mais nada, pois a bagagem é pequena  
Mas trago tudo no coração  
O melhor lugar prá se guardar as coisas.

# POEMA

Nico Matense

## CONVERSAS DE MANHÃ DE DOMINGO

Levantei-me de manhã cedo para regar as plantas de meu jardim  
Estava ainda meio sonâmbulo pegando no regador para molhá-las  
Eu não sei se porque era um domingo alegre e sol quente a vir  
Todas as plantinhas de meu jardim recebiam visitas  
Na casa das roseiras os beija-flores esplendorosos de cores estavam alegres  
No meu pé de maracujá besouros e abelhas faziam a festa  
Em busca do pólen mais puro que pudessem encontrar por ali  
No entanto, o que mais me impressionou foi a conversa dos insetos  
Em cada pezinho de mato que pousavam declamavam poesias  
Uns estavam procurando namoro, outros eram noivos, muito contentes  
Já os insetos casados eram mais peculiares e ficavam mais a sós  
Mas as conversas rendiam e eu até fiquei meio zozzo com falação e cantoria  
Tinha mestre ensinando o devido tom, tinha aprendiz ligado nos detalhes  
E quando a barulhada aumentava, os pés de mato danavam a aplaudir  
Suas folhas abanavam e as flores, hummm, essas estavam radiantes  
E eu como não queria atrapalhar ninguém ali naquela conversa de insetos  
Fiquei ali  
Só ouvindo aquele pessoal alegre e contente por horas e horas  
Uns conversavam baixinho para os outros com voz suave e doce  
Outros cantavam alegres em tom de lá maior para alegrarem o dia  
Afinal de contas, bom, era uma bela manhã de domingo.



## DESEJOS

Mais do que dinheiro eu quero paz  
Eu quero a paz com que uma borboleta voa no espaço  
Eu quero o vento frio de manhã cedo na janela  
Eu quero morder uma tora de cana caiana  
E sugar dela o doce entre meus dentes  
Quero chupar manga apanhada no pé (na hora)  
Quero jabuticabas na árvore e não na bacia  
Laranja! Só se eu as derrubar com uma vara de bambu  
Goiaba, eu quero é subir no pé e comer lá em cima  
Estou pedindo apenas o que é simples  
Acho que estou é enfadado de varejos com frutas em caixas  
No pé é muito mais gostoso  
Embaixo das árvores me sinto criança.

## RELEITURA

Levantei de manhã cedo e fui coar café no coador de pano  
Para esperar o meu bem acordar e vir tomar café comigo  
Enquanto a fervura da água subia bem devagar  
A saudade da minha infância subia rápido demais  
Na espera pelo café quentinho, as lembranças surgiam  
Do meu tempo de criança, saindo com minha vara de pescar  
Acompanhando meu pai até o riacho aonde lambaris haviam  
Pegar minhoca com a mão e ingatar no anzol  
Fingir um cigarro na boca com um fiapo de capim  
E a pesca começava, e a água fervia  
E o anzol iscava, e a água evaporava  
E o peixe chegou, e a hora do café ir para a garrafa  
Com sorriso eu retirava o peixe, com gotas de água eu começo a tomar o café  
O meu bem ainda não levantou, mas ouço seus passos  
Eis uma pequena lágrima em meu olho direito  
Vou enxugá-la, pois não quero comoções agora  
Apenas um bom café após tudo.



## A VIDA

A vida é bem mais do que um simples bom dia  
A vida, a vida é muito maior perante as conquistas humanas  
A vida requer pulsação a todo instante e paz interior  
Somente os sábios vivem a vida intensamente  
Somente os inteligentes podem calcular sua história  
Mas somente os loucos sabem que a vida representa o existir  
E existir vai além de perambularmos pelas ruas  
Dizendo a tantos quanto encontrarmos que a vida não presta  
Que a vida não nos dá chances para vencermos, sermos felizes  
Mas... olhem para as formiguinhas, olhem  
Elas não são um bom exemplo de vida?  
Olhem e vejam que as formigas perante nós seres humanos  
São pontinhos diante de gigantes atormentados e infelizes  
Gigantes covardes, reles e vis em busca apenas de conquistas  
Sejamos loucos eu peço, pois loucos somos nós mesmos  
E sendo loucos somos da natureza, da paz e da felicidade.

## *O AMANHÃ*

Pelos cálculos que fiz amanhã choverá  
Eu espero que isso possa ocorrer de manhã cedo  
Pois quero ficar na cama ouvindo os pingos de chuva  
E quando a chuva chegar quero sentir o cheiro doce  
Aquele cheiro doce de terra molhada lá do quintal  
Eu quero tudo isso, mas tem que ser de manhã cedo  
É mais gostoso, é mais agradável, é quase incomparável  
Eu já fiz os cálculos, agora é só esperar amanhã  
Pois amanhã eu creio que choverá.

## *O COMPLEXO DE EXISTIR COMO SER NATURAL*

Sou pagão, o que há de errado nisso  
O que há de errado em ser negro  
O que será que está errado em ser brasileiro  
Aonde foi parar a nossa razão, nossa fé  
Eu sou do campo, das matas, dos pampas e não nego  
Eu sou da roça, sou boi, sou cavalo, sou bode  
Me sinto um ser da natureza e pronto  
Do que mais eu preciso para ser feliz  
Nascer de novo, mas não como gente e sim como máquina?  
Talvez as máquinas é que sejam felizes!  
Pois não discutem o que são  
Elas são e pronto, não há meio termo, nem dilemas  
Já eu para ser da natureza, preciso quebrar a rotina  
Destruir tudo, somente para ouvir, ouvir sim  
Um bem-ti-vi me cumprimentar do galho de uma árvore  
E aí sim eu vivo, respiro e sou feliz.

## POESIA

A melhor poesia não existe, poesia é sempre bom  
Decidir entre essa e aquela é epifania  
O melhor mesmo é sentir é ser poesia  
O mais acalentador é gostoso  
É ler uma poesia embaixo de uma árvore  
As letras dançam, se cumprimentam, falam entre si  
Os versos nos tocam a alma e o coração  
E o leitor, bom, esse se torna encantado  
Fisga cada verso como se fosse um peixe no anzol  
Os leva para si, para a vida toda  
Eis a poesia, a melhor amiga quando se busca encontrar uma  
Eis a paz de uma poesia  
A alegria clara de viver a vida.

# SIMPLICIDADE

Nico Matense

## *O QUE IMPORTOU NO DIA*

Pelo sentimento resgatei novamente um pé de manga-abacaxi

Um pé de jabuticaba e alguns de laranjeiras

Mas o que mais me deixou feliz foi um João-de-barro

Que catava comida para seus filhotes embaixo de um chuchuzeiro

Não existe cena mais carinhosa que um pai cuidadoso

O marronzinho era todo alegria por achar o que levar para os filhos

E o meu dia enfim foi real e não apenas lembrança

Eu ganhei o meu dia, a minha paz, nesse dia eu venci

Pois estive com a natureza e eu não precisava de outra coisa.

## ROSAS E RELVAS

As rosas nunca falaram, são quietas e silenciosas

Mas então, o que nos atrai tanto nelas?

Serão suas cores ou seus esplendores com o sol da manhã

Serão os seus charmes quando o orvalho finda

Quando a colcha azulada leva a Lua irmã

E traz o irmão Sol como companhia para um novo dia.

O que as relvas nos trazem à mente com a brisa mansa do campo

Por que os pássaros são tão irmãos no amanhecer da aurora?

O que faz com que as manhãs sejam tão belas?

O que falta a nós seres humanos inteligentes que sobra aos pássaros

Essa contemplação não deveria ser apenas no papel, mas no plano real

Pois rosas e relvas estão silenciosas, mas alegres de viverem a vida.





# DEUS

Nico Matense

## *O PODER DA FÉ NO CELESTIAL*

Quando precisares de ajuda nunca hesites em pedir  
Há um Deus maior do que tudo que poderá lhe socorrer  
Se procurares entre os homens (físicos) e não encontrares ajuda  
Procure entre os homens (espirituais) e acharás a tua força  
Se creres de corpo, alma e coração verás que existem pessoas ao teu lado  
E verás muito mais, verás a glória de Deus estendida sobre ti  
Se Jesus Cristo amou aos seus semelhantes como irmãos  
E apagou a indiferença com gestos de carinho para com seus inimigos  
O que mais podemos esperar do Deus Todo Poderoso, para com seus filhos e filhas?

Acredite pois em Jesus Cristo, acredite pois em Deus  
A esperança do mundo está presente nos dois a cada dia  
E espera, espera pois no Senhor e receberás.

## *CALMO E SERENO*

Olhando para a natureza me redescubro

Observando o verde em torno de mim

Me sinto calmo e sereno

Para os desafios de cada dia nesta terra

Oh! Bela natureza que me acompanhas

Obrigado por existires

Muito obrigado Deus, por tê-la feito para o bem de todos na terra

Obrigado senhor por nos mostrar que na natureza

Podemos nos encontrar em meio ao universo

E que este encontro possa ser eterno

Para cada admirador da natureza, do belo, do absoluto

Da paz dos campos, do homem envolto em si

Natural.

## *PRECE A DEUS*

Meu Deus, meu Deus

Daí-me sabedoria para compreender o mundo

Daí-me paciência para refletir com os homens

Daí-me tempo para conhecer teus ensinamentos

E coragem para levá-los para quem necessita de ti

Cuidai senhor

Que os meus perseguidores se afastem de mim

Que os meus vingadores não me encontrem

Que aqueles que de uma forma ou de outra

Desejam o meu mal, possam perdoar a si mesmos por seus atos

Abençoe santo Deus

A todas as pessoas deste imenso universo

Que mais do que um copo d'água e um pedaço de pão precisam de paz

Guardai a todos senhor na tua misericórdia

Com bênçãos e louvores de amor eterno.

Amém.



## SOBRE O AUTOR

Leandro Rodrigues Guedes é estudante de Letras na Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e escreve poesias desde 2014 à moda “antiga”: no papel, a lápis ou à caneta.

Apaixonado pelas letras, ele é admirador de grandes autores, tais como o austríaco Georg Trakl, o argelino Albert Camus, o francês Arthur Rimbaud, o moçambicano Mia Couto e o português Guerra Junqueiro. Entre os brasileiros, Leandro aprecia os trabalhos de Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, Catullo da Paixão Cearense, Adélia Prado e Manoel de Barros. Outro português que o inspirou não apenas com as poesias, mas também com seus heterônimos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares, Álvaro de Campos), foi Fernando Pessoa. Nico Matense e Alexandre Soares são os heterônimos criados por Leandro para seu primeiro livro de poesias.

Nico Matense é mais reflexivo, mais filosófico, amante da natureza e das coisas boas da vida; é passivo, compreensível e reflete um pouco o que a natureza tem a oferecer aos seres humanos, contrariando a revolta que muitos possuem sobre o mundo. Já Alexandre Soares é um pouco revoltado com o trabalho árduo dos seres humanos em busca de quase nada, revoltado com o que o mundo tem feito às pessoas e, acima de tudo, revoltado consigo mesmo, por não entender mais as pessoas e sua própria vivência aqui na terra.

